



A EVOLUÇÃO POLÍTICA DE SARTRE (1945-1979)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3432

Rodrigo Davi Almeida, UFMT

Resumo

Objetiva-se analisar a evolução política de Jean-Paul Sartre (1905-1980) a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Após a Ocupação nazista e a Liberação da França, em 1944, pelos Aliados, Sartre engaja-se nos movimentos de libertação nacional afro-asiáticos tendo em vista, por um lado, as expectativas frustradas da revolução socialista na Europa e, de outro, a emergência do Terceiro Mundo como horizonte histórico revolucionário. Nessa esteira, o filósofo *engagé* denuncia as “guerras sujas” da Argélia (1954-1962) e do Vietnã (1946-1975), apoia e divulga a Revolução Cubana (1959-1961) e propõe às esquerdas europeias se unirem às lutas anti-imperialistas. O referencial teórico-metodológico utilizado provém do marxismo, particularmente, suas contribuições acerca das relações entre indivíduo, sociedade e história. Os principais textos utilizados são os de Michael Löwy, Jean Chesneaux e István Mészáros. Esse referencial nos permite pensar a evolução política de Sartre como uma “unidade contraditória” e sua evolução política tendo em vista o seu fundamento histórico-social. Assim, podemos evitar reducionismos e simplificações excessivas na análise. A evolução política de Sartre e, particularmente, as suas posições políticas relacionadas ao Terceiro Mundo constituem o objeto deste trabalho que tem como problema a liberdade, um dos temas-chave da sua obra. A tese central defendida é que a sua concepção de liberdade, elaborada sob o “impacto” da Segunda Guerra Mundial e no curso dos acontecimentos do Terceiro Mundo, situa-se no plano concreto da luta de classes. Eis porque, para Sartre, a liberdade passa a ser definida nos planos econômico (como independência e desenvolvimento), social (como igualdade), político (como soberania nacional) e cultural (como humanização em oposição ao racismo e à tortura).

Palavras Chave:

Jean-Paul Sartre;
Evolução política;
Terceiro Mundo;
Liberdade.

Introdução e justificativa

A evolução política de Sartre e, particularmente, as suas posições políticas relacionadas ao Terceiro Mundo constituem o objeto deste trabalho que tem como problema a liberdade, um dos temas-chave da obra de Sartre. A tese central defendida é que a sua concepção de liberdade, elaborada sob o “impacto da história”, isto é, da Segunda Guerra Mundial e no curso dos acontecimentos do Terceiro Mundo, situa-se no plano concreto da luta de classes. Eis porque, para Sartre, a liberdade passa a ser definida nos planos econômico (como independência e desenvolvimento), social (como igualdade), político (como soberania nacional) e cultural (como humanização em oposição ao racismo e à tortura).

As posições políticas de Sartre a respeito do Terceiro Mundo devem ser vistas como um momento particular e, ao mesmo tempo, inseridas no quadro mais amplo de sua evolução política. Ainda que esta seja uma exigência que se impõe à adequada consideração do “objeto”, não demanda, contudo, um estudo ou uma interpretação original, exclusiva. Para tanto, é suficiente lançar mão da literatura a respeito (as biografias sobre Sartre, as suas entrevistas, os diversos estudos marxistas e não marxistas sobre sua obra) para destacar tanto o modo como o seu engajamento político se relaciona à sua evolução política, quanto para demarcar o espaço efetivo que suas preocupações e posições políticas sobre o Terceiro Mundo efetivamente ocupam nela.

Sob o “impacto” da Segunda Guerra Mundial e tendo em vista a assunção do marxismo como “filosofia insuperável” (SARTRE, 1986), Sartre pensa que a condição para a realização da liberdade entre os homens se refere ao “condicionamento pelas proteínas”, como diz numa entrevista a Jacques-Alain Miller. A entrevista realizada em 1960

explicita a posição que Sartre assume e pela qual lutará até o fim de sua vida:

em nome de dois princípios que vêm juntos: primeiro, ninguém pode ser livre se todo mundo não o é; segundo, eu lutarei pela melhoria do nível de vida e das condições de trabalho. A liberdade, não é metafísica, mas prática, é condicionada pelas proteínas. A vida será humana a partir do dia em que todo mundo puder comer e saciar sua fome e todo homem poderá exercer um ofício nas condições que lhe convém. Eu lutarei não somente por um nível de vida melhor, mas também pelas condições de vida democráticas para cada um, pela libertação de todos os explorados, de todos os oprimidos. (SARTRE, 1960, *apud* CONTAT; RYBALKA, 1970, p. 353).

Objetivos

O objetivo geral consiste em analisar a evolução política de Jean-Paul Sartre (1905-1980) a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Após a Ocupação nazista e a Liberação da França, em 1944, pelos Aliados, Sartre engaja-se nos movimentos de libertação nacional tendo em vista, por um lado, as expectativas frustradas da revolução socialista na Europa e, de outro, a emergência do Terceiro Mundo como horizonte histórico revolucionário. Nessa esteira, o filósofo *engagé* denuncia as “guerras sujas” da Argélia (1954-1962) e do Vietnã (1946-1975), apoia e divulga a Revolução Cubana (1959-1961) e propõe às esquerdas europeias se unirem às lutas anti-imperialistas afro-asiática e latino-americana.

Os objetivos específicos são: relacionar o engajamento de Sartre aos problemas colocados pelo Terceiro Mundo, situando-se na sua complexa evolução política; relacionar sua adesão ao marxismo como “filosofia insuperável” às suas posições políticas

sobre o Terceiro Mundo e, por fim, identificar o “lugar” e a importância do Terceiro Mundo na sua evolução política.

Para a consecução dos objetivos, foi elaborada uma hipótese geral de trabalho. A hipótese consiste em afirmar a conexão tangível entre o contexto histórico – o mundo do pós-guerra, as guerras de descolonização, a emergência dos países do Terceiro Mundo e o cenário político-intelectual francês – e a evolução política de Sartre. Portanto, sem a elucidação da conexão entre o contexto histórico e a sua evolução política não seria possível responder “em que momento, em que circunstâncias se faz a súbita adequação entre a atividade de um indivíduo e a corrente profunda da história? Em que momento e através de que mecanismos ela desaparece?” (CHESNEAUX, 1995, p. 156) e, do mesmo modo, por que em determinado momento de sua trajetória Sartre “passa a ter um vivo interesse pelo mundo da política, especialmente no Terceiro Mundo?” (MÉSZÁROS, 1991, p. 98).

Resultados

O possível caminho para a resposta se relaciona à compreensão e explicação da evolução política de Sartre tendo em vista o fracasso da revolução socialista na Europa e, posteriormente, pelo horizonte revolucionário delineado pela emergência do Terceiro Mundo no cenário político mundial. A compreensão e a explicação se definem pela

evidenciação de uma estrutura significativa imanente ao objeto estudado (...). A explicação é simplesmente a inserção dessa estrutura, enquanto elemento constitutivo e funcional, em uma estrutura imediatamente globalizante, que o pesquisador não explora, no entanto, de maneira detalhada, mas somente na medida em que isso é necessário para tornar inteligível a gênese da obra

que ele está estudando. (LÖWY; NAÏR, 2008, p. 27).

A partir da hipótese geral de trabalho, foram desenvolvidas as seguintes hipóteses específicas: a) certos acontecimentos da história do Terceiro Mundo – a Guerra da Argélia, a Revolução Cubana e a Guerra do Vietnã – radicalizam as posições políticas de Sartre. Os novos problemas engendrados pelas emergências histórica e político-ideológica do Terceiro Mundo nas (pre)ocupações de Sartre permitem-lhe desenvolver análises políticas (de uma atualidade impressionante) acerca dos problemas do colonialismo, da tortura, do racismo, da corrupção, da ideologia revolucionária, do socialismo e da definição de intelectual pela sua função política; b) as análises políticas de Sartre sobre o Terceiro Mundo são tributárias do marxismo e do método dialético. Eis a razão pela qual a emergência do Terceiro Mundo nas (pre)ocupações políticas de Sartre é precedida pela sua “descoberta” do marxismo, cujo método será utilizado na investigação das questões coloniais.

Sob “o impacto da história”, Sartre se propõe a tarefas políticas que exigem outras questões à realidade e, conseqüentemente, um método adequado à interpretação e resolução dessas tarefas, portanto, no horizonte do marxismo enquanto filosofia insuperável. No entanto, em algumas questões pontuais, como na análise da resistência à tortura, suas concepções existencialistas permanecem; c) as posições políticas de Sartre sobre o Terceiro Mundo expressam a necessidade de intervenção que historicamente certos intelectuais sentem em relação aos embates concretos com os homens das sociedades em que vivem. Na França, e em vários países, ao lado de operários, imigrantes africanos, comunistas, estudantes e diversos intelectuais, Sartre participa de debates, conferências, assinatura de manifestos, petições, tribunais populares, passeatas e *meetings* contra as guerras coloniais.

A intervenção de Sartre se dá diretamente, seja nas portas das fábricas, nos debates organizados na *Mutualité*, na *Sorbonne*, na rua, nos comitês de trabalhadores, ou na direção de jornais que “dão a palavra ao povo” (como *La Parole au Peuple* e *La Cause du Peuple*). Isto é, ela não é mediada por nenhuma instituição política, o que não exclui o seu *diálogo necessário e impossível* com o Partido Comunista Francês. A exceção são as atividades por ele desenvolvidas no Tribunal Russell à época da Guerra do Vietnã. O tipo de intervenção levada a cabo por Sartre tem claramente um caráter “didático”, com a exposição de ideias mais objetivas que visam instruir e convencer as massas (o proletariado e a pequena burguesia), ao contrário, por exemplo, de seus textos filosóficos e/ou políticos sobre o marxismo. Isso não quer dizer que suas análises sejam superficiais ou levianas e nem que desconsiderem a complexidade e as contradições da realidade; d) Sartre, com Frantz Fanon, Patrice Lumumba e muitos outros, foi o divulgador do *terceiro mundismo*. Pelo menos dois autores fazem a mesma afirmação. Michel Contat, que resume o prefácio de Sartre ao livro de Fanon *Os condenados da terra*, escreve:

Seu prefácio (...) é um dos textos mais violentos que ele escreveu. Nele se encontra a formulação mais radical e literariamente a mais eficaz de uma posição que ele tinha tomado desde 1959, a da solidariedade política e prática com os combatentes argelinos. Esta posição é aqui generalizada ao conjunto das lutas dos países subdesenvolvidos e pode-se dizer que, por sua grande repercussão, o prefácio de Sartre e o texto de Fanon contribuíram para a criação, na França, do *terceiro mundismo* da juventude intelectual revolucionária. (CONTAT; RYBALKKA, 1970, p. 361, grifos do autor).

Para o desenvolvimento das hipóteses levantadas recorreu-se a um

procedimento adequado que utiliza as seguintes categorias metodológicas: a historicidade, a totalidade e a contradição, no que se refere à análise da evolução política de Sartre. De acordo com Michael Löwy, a categoria metodológica da historicidade implica a “afirmação da historicidade de todas as instituições, estruturas, leis e formas de vida social (...) uma concepção para a qual todos os produtos da vida social são historicamente limitados. Por sua vez, a categoria metodológica da totalidade não significa o estudo da realidade toda, o que seria impossível, significa a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder a sua relação com o conjunto e, por fim, a categoria metodológica da contradição, que sempre é uma análise das contradições internas da realidade.” (LÖWY, 2006, p. 15-17).

Em suma, o referencial teórico-metodológico utilizado provém do marxismo, particularmente, suas contribuições acerca das relações entre indivíduo, sociedade e história. Os principais textos utilizados são os de Michael Löwy, Jean Chesneaux, e István Mészáros. Esse referencial nos permite pensar a evolução política de Sartre como uma *unidade contraditória* (MÉSZÁROS, 1991) e sua evolução política tendo em vista o seu fundamento histórico-social. Assim, podemos evitar reducionismos e simplificações excessivas na análise.

A evolução política de Sartre tem como eixo fundamental o problema da liberdade em suas mais diversas manifestações e situações econômicas, sociais, políticas e culturais. O filósofo *engagé* visita vários países europeus, africanos, asiáticos e americanos, dos Estados Unidos ao Brasil, da Itália à Rússia, da China ao Japão, de Israel ao Egito, com o propósito de defender a liberdade. No entanto, a partir do segundo período pós-guerra, o Terceiro Mundo se torna o centro das

(pre)ocupações políticas de Sartre que se engaja na condenação das guerras da Argélia e do Vietnã e na defesa da Revolução Cubana contra os imperialismos francês e norte-americano, respectivamente.

Em relação à África, Sartre afirma que a única maneira de evitar a intervenção estrangeira é a unidade dos objetivos, isto é, a luta pelo “fim dos bombardeios no Vietnã e a abertura de negociações diretas com os vietcongs no quadro dos acordos de Genebra”, ou seja, o futuro da África depende da vitória do Vietnã e da derrota dos Estados Unidos, pois, “o que está em jogo no Vietnã, não é nada menos que a dominação do mundo pelos Estados Unidos” (SARTRE, 1966).

Sartre condena as guerras da Argélia e do Vietnã, do ponto de vista moral, ou seja, como “guerras sujas”, pois revelam a “crueldade inumana” que os ricos fazem aos pobres (SARTRE, 1967, p. 9). Apesar de serem “guerras sujas”, Sartre afirma que suas origens são econômicas. De acordo com o filósofo *engagé*, para que tenha resultado efetivo, a condenação moral das guerras deve ser feita pelas massas (proletariado e pequena-burguesia). Daí a importância da intervenção do intelectual na divulgação das atrocidades das guerras, do genocídio, da tortura e do racismo junto às massas para obter seu apoio contra as guerras imperialistas. Todas essas características do engajamento do intelectual têm um objetivo político muito preciso: a destruição da sociedade capitalista pela revolução e a construção da sociedade socialista que realizaria o “reino da liberdade”.

Em meio à Guerra da Argélia, Sartre define o seu conceito de colonialismo e revela a sub-humanização do argelino pela violência colonial que se concretiza no racismo e na tortura. Suas posições políticas sobre o evento têm grande impacto na França. A originalidade delas não está no fato de

que ele tenha sido o primeiro, ou o único, a constatar a sub-humanização do argelino, mesmo porque não o foi, mas na sua radicalidade. Sartre intervém contra a guerra, divulga suas atrocidades e propõe uma ação política conjunta e coordenada da esquerda, do operariado francês e do campesinato argelino em torno de uma mesma luta: o fim da exploração e da opressão imperialistas.

A radicalidade das posições políticas de Sartre sobre os acontecimentos relacionados à Guerra da Argélia comprova-se de dois modos. Por um lado, exasperou a direita francesa, tanto os gaullistas – que nas passeatas vociferavam “fuzilem Sartre” – quanto a OAS (*Organisation de l'Armée Secrète*), todos contrários à independência da Argélia. A OAS desferiu, inclusive, dois ataques à bomba ao apartamento de Sartre em Paris. Por outro lado, se opôs à própria esquerda europeia, cujo movimento socialista com “Bernstein na Alemanha, Vandervelde na Bélgica e Jaurès na França era partidário de uma ‘política colonial positiva’ que não fosse mais a política colonial da burguesia” (FERRO, 1996, p. 208, grifos do autor). Sartre ainda entende que o Partido Comunista Francês transigia com a Guerra da Argélia ao aceitar “fazer o jogo” político-parlamentar burguês (SARTRE, 1960, p. 1).

À época da Revolução Cubana, Sartre já está convencido do peso das circunstâncias socioeconômicas no condicionamento das ações dos indivíduos. No entanto, e ao mesmo tempo, está convicto da irreduzibilidade fundamental das ações dos indivíduos no processo histórico que ele define como *liberdade*. Para o filósofo *engagé*, esta irreduzibilidade possibilitou a ação revolucionária em Cuba. Mas o *huracán sobre el azúcar* tinha ainda um importante legado para Sartre: provava que uma revolução poderia ocorrer sem ideologia preestabelecida, o que excluía, portanto, a necessidade de mediação do partido

comunista.

A contribuição fundamental de Sartre enquanto “intelectual-jornalista” está na longa série de reportagens publicadas sobre o “*huracán sobre el azúcar*” (SARTRE, 1961), na França, pelo jornal parisiense *France Soir* e, no Brasil, pelo jornal carioca *Última Hora*. Nas reportagens, descreve o esforço cotidiano dos jovens revolucionários para edificar e consolidar a sociedade sob uma lógica para além do capital, com destaque às conquistas sociais obtidas pelo povo cubano, particularmente, no tocante à reforma agrária. As análises de Sartre tanto quanto suas descrições constituem rico manancial para o estudo da obra revolucionária cubana, ainda que nos seus anos iniciais. Não por acaso, Sartre divulga as conquistas sociais cubanas ao público internacional. Com isso, pretende arregimentar apoio à revolução, constantemente ameaçada de aniquilamento pelos Estados Unidos, mas também para que sirva de modelo aos países latino-americanos e, particularmente, ao Brasil (ALMEIDA, 2009).

A Guerra do Vietnã, descrita e denunciada como “guerra suja”, portanto, condenável do ponto de vista moral e, em especial, as atividades do Tribunal Russell radicalizam as posições políticas de Sartre. Justamente, no curso da guerra, ele propõe uma nova relação entre política e moral, com base em sua crítica da política considerada exclusivamente sob o ângulo da eficácia, um dos legados do estalinismo. Nessa esteira, a guerra e as atividades desenvolvidas pelo tribunal revelam a Sartre a necessidade e a importância da “inscrição da política no código da moralidade” (MÉSZÁROS, 1991). Eis aí a originalidade das posições políticas de Sartre. De acordo com ele, a partir da “inscrição da política no código da moralidade”, as “massas” poderiam avaliar e rejeitar as ações dos governos para além do critério exclusivo da eficácia.

A crítica de Sartre relacionada à consideração da política sob o exclusivo critério da eficácia se dirige tanto aos países capitalistas imperialistas quanto aos países comunistas, mas com a vantagem de que estes colocam o problema sobre aqueles que nem mesmo chegam a cogitá-lo. Porém, Sartre esclarece que a tarefa só pode partir da exigência das “massas”, portadoras de uma “moral simples e revolucionária” (SARTRE, 1987, p.181). O intelectual tem papel relevante no processo de desmistificação das ideias que paralisam as “massas” para “despertá-las” do imobilismo. Somente as “massas” podem instituir um verdadeiro tribunal internacional que julgue e efetivamente sancione os crimes de guerra com base em regras éticas e jurídicas.

De acordo com Sartre, o papel do intelectual revolucionário, antes de ser “fundido às massas” e perder seu estatuto específico, traduz sua necessidade de intervenção no curso dos acontecimentos históricos. Ele denuncia ainda os crimes de guerra franceses e norte-americanos com o objetivo de informar as “massas” para que formem sua opinião e tomem posições contra as guerras imperialistas e a favor da luta de libertação do Terceiro Mundo. Não apenas a crítica, defende e propõe a unidade da esquerda ao explicitar a “solidariedade de interesses” entre as classes exploradas europeias, particularmente, o operariado, e as do Terceiro Mundo, particularmente, os camponeses.

Para Sartre, somente a revolução pode romper com o imperialismo colonialista e o neocolonialismo, assim como apenas o socialismo pode realizar o “reino da liberdade” entre os homens. Em outras palavras, o “problema humano” – isto é, a liberdade – deve resolver-se em termos de produção e de relações sociais de produção socialistas.

Em suma, o “impacto da história” atua de maneira decisiva na evolução política de Sartre. Num

primeiro momento, o da Segunda Guerra Mundial e, depois, os acontecimentos do Terceiro Mundo – a Guerra da Argélia, a Revolução Cubana e a Guerra do Vietnã, como vimos. Durante a Segunda Guerra Mundial Sartre começa a pensar o indivíduo humano em termos de sua responsabilidade face à sua sociedade e à história. Nessa esteira, Sartre define a liberdade sob os aspectos econômico (como independência, em oposição à dependência), social (como justiça e igualdade, em oposição à desigualdade), político (como soberania nacional, em oposição ao domínio colonial) e cultural (como humanização, em oposição à tortura e ao racismo).

Sartre não tem dúvidas em concluir: a agressão imperialista é imoral, pois impossibilita ao homem desenvolver-se humanamente. A burguesia colonial deve ser responsabilizada e sancionada pelos seus crimes de guerra. Nesse contexto, afirma: o “homem é possível”, ou seja, a liberdade humana é possível, como provam as revoluções do Terceiro Mundo, sobretudo aquelas inscritas no socialismo.

Considerações finais

Estudar a evolução política de Sartre não seria anacrônico se considerarmos seu engajamento e as questões por ele suscitadas, ou os acontecimentos aos quais ele se reportava, como já datados, portanto, superados? Não seria anacrônico tomar sua evolução política como norte para a reflexão sobre situações que exigiriam a formulação de outros questionamentos e outras respostas, nos dias de hoje?

Por certo, o ofício do historiador não pode deixar de considerar a historicidade do engajamento de Sartre. Mas igualmente, no mesmo ofício, deve perceber que determinados problemas decorrentes do imperialismo (neo)colonialista, das lutas de libertação e da emergência do Terceiro Mundo, ao

longo das décadas de 1950 a 1970, ainda repercutem com graves e sérias consequências ao mundo europeu, mas sobretudo aos ex-colonizados.

Atualmente, muitos países afro-asiáticos têm passado pela mais grave crise imigratória conhecida pela humanidade desde a Segunda Guerra Mundial. Calcula-se que em torno de 500 mil pessoas, na maioria jovens e adultos em idade economicamente ativa, procuram melhores condições de vida e de trabalho nos países mais ricos da Europa Ocidental (França, Inglaterra e Alemanha). Esta crise é resultado, em grande parte, de “guerras civis” intermináveis e da miséria socioeconômica de milhares de cidadãos africanos e asiáticos outrora colonizados. A inoperância da Organização das Nações Unidas sobre a situação é surpreendente e os países mais procurados pelos imigrantes, inclusive os Estados Unidos da América, têm propostas tímidas de acolhimento e sequer discutem as causas profundas da crise. E pior. Após os recentes ataques terroristas à Paris, assumidos pelo “Estado Islâmico”, governos têm estudado e adotado medidas ainda mais restritivas quanto à recepção dos imigrantes e dos refugiados.

Retomar as críticas de Sartre sobre a desunidade política das esquerdas (dos socialistas e dos comunistas) em relação ao imperialismo e às guerras coloniais talvez possa contribuir para levantar um debate sobre problemas sociais que ainda insistem em interpelar países e povos europeus e afro-asiáticos: a xenofobia, o racismo, a islamofobia, as “guerras civis” e a própria crise imigratória. Todas essas são questões que parecem estar alheias à atual agenda política das esquerdas europeias – desunidas e sem programa político consistente que apresente alternativas viáveis para se pensar e atuar sobre essa realidade – mas não da direita que tem: a) se fortalecido, conquistando posições

políticas parlamentares importantes; b) conquistado muitos adeptos, inclusive entre jornalistas e intelectuais; c) apoiado as medidas tomadas por vários governos europeus como a deportação e a construção de muros e de cercas.

Referências

ALMEIDA, Rodrigo Davi. **As posições políticas de Jean-Paul Sartre e o Terceiro Mundo (1947-1979)**. Assis, 2010, 250 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, 2010.

_____. **Sartre no Brasil: expectativas e repercussões**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995.

CONTAT, Michel; RYBALKA, Michel. **Les écrits de Sartre**. Paris: Gallimard, 1970.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FERRO, Marc. **História das Colonizações, das conquistas às independências (séculos XII a XX)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÖWY, Michael e NAÏR, Sami. **Lucien Goldmann ou a dialética da totalidade**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Ideologias e Ciência Social**. São Paulo: Cortez, 2006.

MÉSZÁROS, István. **A obra de Sartre: busca da liberdade**. São Paulo: Ensaio, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. El Tercer Mundo comienza el los subúrbios. In: _____. **Escritos Políticos. 3. El intelectual y la revolución**. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

_____. **Sartre no Brasil: A Conferência de Araraquara. (Edição Bilíngue)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. Entretien avec Sartre. Interview par Jacques-Alain Miller. *Les Cahiers Libres de la Jeunesse*, n.1, 15 fév. 1960. In: CONTAT, M.; RYBALKA, M. **Les écrits de Sartre**. Paris: Gallimard, 1970.

_____. **Colonialismo e neocolonialismo. (Situações V)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

_____. Au Proche-Orient: M. Jean-Paul Sartre fait au Caire l'éloge du président Nasser. **Le Monde**, Paris, 5 mars 1967.

_____. Interview – Jean-Paul Sartre et les problèmes de notre temps. In: _____. **Cahiers Bernard-Lazare**, Paris, n. 4, 1966.

_____. **Sartre visita a Cuba**. Havana: Ediciones Revolución, 1961.

_____. Un entretien avec Jean-Paul Sartre: Jeunesse et Guerre d'Algérie. Par K. S. Karol. **Vérité-Liberté – Cahiers d'information sur la Guerre d'Algérie**, Paris, n.3, juil-août 1960.